

De qual Brasil vem a seleção brasileira? Um olhar regional das convocações do Brasil em Mundiais¹

Júlio César Barcellos de Almeida Braga²

Ronaldo Helal³

Leda Costa⁴

Resumo: Este artigo tem por finalidade investigar as origens e os motivos que geram a desigualdade socioespacial nas convocações de jogadores brasileiros para a disputa das Copas do Mundo. Para tanto, discute-se as razões históricas e sociais que levam clubes e jogadores nascidos e atuando em equipes do Centro-Sul do país, sobretudo no eixo Rio-São Paulo em detrimento de atletas de mais Unidades da Federação. Por meio deste trabalho, a partir de pesquisa exploratória apresentam-se diversos casos ao longo da história da seleção brasileira que buscam exemplificar as formas as quais a xenofobia e o preconceito socioespacial se manifestam no âmbito do futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol; Seleção Brasileira; Xenofobia; Copa do Mundo.

Introdução

Desde seu surgimento no Brasil, por intermédio de ingleses que para cá imigraram, o futebol se converteu, de fato, no esporte mais popular do país. Um costume estrangeiro que para alguns críticos, tal qual por um momento fora Graciliano Ramos - importante escritor, jornalista e político brasileiro - que qualificou o jogo trazido pelos britânicos como sendo “um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês” (RAMOS, 2002).

O prodigioso autor modernista qualificou o desporto desse modo em uma coluna publicada em 1921, sendo republicada no livro póstumo *Linhas Tortas*, de 1963 - 10 anos após a morte do romancista alagoano. Curiosamente, as alegações de Graciliano Ramos acabaram não se provando verdadeiras, afinal, com o tempo passamos a atender pela alcunha de o “País do Futebol”⁵.

Tendo sido publicada originalmente no período amador do futebol brasileiro, a crença expressa pela coluna de Graciliano era a de que o futebol não teria força o suficiente para arranjar lugar nos sertões e interiores de nosso país (RAMOS, 2002). O tempo foi responsável por encaminhar justamente o rumo contrário dessa tese. Um estudo do Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj, datado de maio de 1993, constatou que entre os aparatos de uso coletivo, o

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação, atividade integrante do XVII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas. Bolsista PIBIC, orientado pelo professor Ronaldo Helal da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.

² Graduando do curso de Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: juliobarcellos11@gmail.com

³ Professor titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte. E-mail: rhelalfla13@gmail.com

⁴ Professora colaboradora do PPGCom da UERJ, Pós-doutoranda em Comunicação Social (CNPQ-PPGCom UERJ; Bolsistas Qualitec do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte. E-mail: ledamonte@hotmail.com

⁵ Nota-se que esse não foi um processo deliberado, possuindo diversas fases e razões históricas (HELAL, SOARES e LOVISOLO, 2001).

tradicional “campinho” de futebol surge como o mais frequente entre todos os municípios brasileiros, sobretudo nos interiores do país (MASCARENHAS, 2014).

No entanto, há um outro lado pouco enxergado naquela declaração feita pelo autor alagoano. Mais do que se colocar de forma contrária ao esporte mais praticado do planeta, já nos idos da década de 1920, Graciliano Ramos foi capaz de enxergar algo que ditaria o tom da narrativa que rege o futebol brasileiro nas décadas seguintes: a prevalência dos grandes centros urbanos do Centro-Sul em detrimento do desenvolvimento futebolístico no restante do país (SANTOS, 2022).

O reflexo histórico disso se traduz na disparidade entre o futebol das grandes metrópoles nacionais - Rio de Janeiro e São Paulo - e dos demais centros do país. Seja pela quantidade de selecionados para representar a Seleção Brasileira por Unidade da Federação ou quais clubes mais forneceram jogadores para o selecionado nacional, os parâmetros selecionados irão apontar para uma única constatação: a ideia ufanista de uma equipe que represente a todos os brasileiros não passa de uma mera ilusão.

De construção midiática, apelo institucional das diretivas estabelecidas por quem gere o nosso futebol ou razões históricas, econômicas, políticas ou sociais, são muitos os motivos que evidenciam o amplo domínio do “Eixo” sobre os demais estados brasileiros. Por meio desta breve análise, nos debruçaremos sobre a história social do futebol pretensamente nacional, investigando as razões que nos levam a ser um país futebolisticamente tão desigual. Tendo em vista sobretudo os últimos acontecimentos da Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, buscaremos uma resposta para a pergunta: afinal, de qual Brasil vem a seleção brasileira?

Uma série de razões históricas

É possível entender o que originou nossas desigualdades no futebol a partir da forma que se deu o processo histórico de ocupação do território brasileiro, desde a gênese do nosso processo colonizatório. A ocupação do território brasileiro foi baseada na proximidade com o litoral. A título de comparação, utilizando o futebol como parâmetro, na Copa do Mundo de 1950, Belo Horizonte foi a única sede que não era litorânea. Mesmo distante cerca de 500 km do Oceano Atlântico, se trata de uma realidade muito distante se compararmos com o restante do Brasil, que em seus interiores, fica muito mais longe que isso do mar (MASCARENHAS, 2014).

E além dessa ocupação desigual do território brasileiro, uma série de políticas públicas do governo Getúlio Vargas (1930-1945) e da ditadura militar (1964-1985) acabaram por acentuar ainda mais as desigualdades futebolísticas em nosso país (FERNANDES, 2021). Em ambos os casos, se visava um ideal de integração nacional, tanto no sentido da criação de uma comunidade

nacional (ANDERSON, 1991) calcada no futebol, quanto na da ocupação dos espaços interioranos por excelência. Foi durante os regimes de exceção, também, que se privilegiou ainda mais a prática esportiva nos grandes centros urbanos já existentes⁶. Tudo isso corroborou para que os times estabelecidos como "grandes" e, por consequência, de maiores torcidas e apelo midiático ficassem restritos aos grandes centros urbanos.

Ao discutir o processo geográfico de “conquista” do território brasileiro pelo futebol, Mascarenhas atribui as dificuldades de deslocamento dos jogadores ao fato do futebol ser um esporte coletivo, já que corriqueiramente as equipes são compostas por números que congregam entre 15 a 20 atletas, isso sem contar a comissão técnica. De tal modo, passa a ser muito mais difícil deslocar uma equipe inteira do que numa modalidade individual, por exemplo (MASCARENHAS, 2014).

A menor extensão territorial e, principalmente, a disponibilidade de uma densa malha ferroviária favoreceu países como a Inglaterra no processo de ocupação espacial visando a finalidade esportiva. No caso britânico, essa facilidade em ir de uma cidade a outra permitiu que, já no final do século XIX, mais precisamente em 1888, a Inglaterra tivesse seu primeiro campeonato nacional de futebol. A título de comparação, o Campeonato Brasileiro organizado e unificado - ainda que não nos mesmos moldes de hoje⁷ - surgiu cerca de um século depois, em 1971, quase cem anos após o primeiro certame bretão.

Tal demora pode ser entendida sobretudo como uma falta de centralidade de poder no caso brasileiro, já que entre Rio de Janeiro e São Paulo, maiores centros políticos e econômicos do país, havia uma alternância de prevalência política. Era nítida a falta de uma figura centralizadora, capaz de definir no futebol o objeto de uma competição esportiva de maior envergadura. E a sonhada integração interestadual⁸ surgiu de forma mais acentuada somente a partir do torneio Rio São Paulo. Não à toa, ele surge só em 1933, após o golpe de Estado que levou Getúlio Vargas ao poder em 1930.

E a forma como o futebol se implementa no Brasil está diretamente ligada ao modo que nosso território foi ocupado. Tendo em vista as características do colonialismo português aqui implementado, não houve uma integração de forma contundente entre os centros urbanos. Através da estrutura de capitânicas hereditárias, cada uma tocada com uma diretiva própria, sem

⁶ Os “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira, não por acaso, coincidem com a construção de uma nova leva de grandes estádios nas grandes cidades do país. Reflexos da tentativa do regime em fazer um uso político do esporte.

⁷ Antes de finalmente se consolidar na década de 1970, houve outras tentativas de emplacar um campeonato nacional, como a Taça Brasil e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Sobre essa questão ver o artigo de Rafael Fortes e João Malaia Casquinha “Brasil-grande, estádios gigantescos”: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985

⁸ Até então, a única forma de diferentes estados brasileiros interagirem futebolisticamente era através de torneios entre as seleções estaduais. Realizados a partir de 1923, os campeonatos interestaduais passaram a ser disputados de forma bianual a partir dos anos 1950. Foram extintos já em 1962, quando se começava a ter uma perspectiva de formar-se uma liga nacional.

muita influência das outras capitanias próximas, o país por muito tempo careceu de uma integração nacional mais robusta.

Pela falta de conectividade entre os estados, convém pontuar que futebol se desenvolveu de maneira autônoma e diferente em cada um deles, fazendo com que nos primeiros anos do século XX, o Brasil carecesse de uma identidade futebolística nacional, algo visto somente a partir da Copa do Mundo de 1938 - a qual a Seleção foi um dos destaques do torneio, terminando em terceiro lugar (HELAL e MOSTARO, 2018). Até então, a divisão em localidades muito distintas era um impeditivo ao desenvolvimento de um “tipo nacional” de futebol⁹. Mesmo assim, essa narrativa é centrada em grande medida por Rio de Janeiro e São Paulo, historicamente com acesso aos maiores talentos e detentores dos investimentos mais vultuosos.

Rio de Janeiro e São Paulo a partir dos anos 1930 se tornaram as grandes metrópoles nacionais. Além disso, com o advento da radiodifusão e a expansão da malha viária, houve uma maior conectividade entre as cidades, ainda que concentrado no Centro-Sul brasileiro. Esse quadro serviu para ocasionar a prevalência dos times dos grandes centros urbanos, que com um maior nível de conquistas esportivas no âmbito nacional e internacional, conseguiram estabelecer um maior número de torcedores, mesmo em outros estados. Algo diretamente influenciado por esses clubes terem tido mais propaganda, terem mais espaço nos meios de comunicação, sobretudo no rádio. Ao final de 1942, era possível ouvir a Rádio Nacional do Rio de Janeiro em todo o território nacional¹⁰.

A formação do futebol “nacional”

Diante da impossibilidade da federalização do futebol, com o estabelecimento de um campeonato em nível nacional, o futebol no Brasil sofreu um forte processo de estadualização. E é com a formação de torneios estaduais, primeiramente concentrados nas capitais, salve raras exceções, como nos casos de Rio Grande¹¹ do Sul e Paraíba¹². Nesse primeiro momento, a marca do futebol brasileiro era a estadualização, anterior à fase de formação dos campeonatos de base nacional.

Sobretudo a partir da chegada do Estado Novo (1937-1945), as tentativas de integrar as diferentes regiões do país somadas à crescente burocratização do Estado brasileiro à época

⁹ Aqui me refiro ao estilo malasartes descrito pelo foot-ball mulato de Gilberto Freyre.

¹⁰ Em 31 de dezembro daquele ano, a emissora inaugurou um transmissor de ondas curtas RCA Victor de 50 kw e um sistema de cinco antenas direcionais, que permitiam transmitir para a América, Ásia, África e Europa e para todo o território brasileiro (CPDOC/FGV, 2016).

¹¹ Inicialmente, o torneio de clubes do Rio Grande do Sul era o Torneio Citadino, realizado apenas na cidade de Porto Alegre (MASCARENHAS, 2001).

¹² O Campeonato Paraibano esteve restrito à capital até a década de 1950 (MASCARENHAS, 1999).

acabaram por mudar profundamente várias áreas da vida pública no país. A tecnocracia varguista se propunha a suplantando as práticas clientelistas dos tempos da República Velha.

[...] As reformas administrativas realizadas na quadra histórica de 1930 e 1940 marcam a tentativa de superação de um modelo de Estado Patrimonialista para Burocrático, buscando atribuir maior grau de impessoalidade e eficácia na atuação administrativa de forma a adequá-la o Estado ao processo emergente de industrialização e a política desenvolvimentista do governo de Vargas. (MOURA, 2016, p.23)

Tais mudanças não se demoraram a alcançar o universo esportivo, com as federações estaduais, que deram lugar aos certames municipais, passando a se submeter ao Conselho Nacional de Desportos (CND)¹³. Já nos anos 1950, as intenções de se lançar campeonatos de maior abrangência continuaram crescendo: o Torneio Rio-São Paulo retornou após anos de hiato¹⁴ e a primeira competição de caráter nacional, a Taça Brasil, foi lançada ao final daquela década, em 1959.

Num primeiro momento, o campeonato, disputado em formato eliminatório¹⁵, não detinha grande prestígio e nem apelo do público - muito mais disposto a acompanhar os já estabelecidos certames estaduais. Era disputado entre as equipes campeãs de seus respectivos estaduais. No entanto, as equipes dos estados “mais tradicionais” (lê-se, Rio de Janeiro e São Paulo) entravam já nas fases finais do torneio, necessitando entre 3 a 4 jogos apenas para vencer o campeonato. Tinha por finalidade, também, definir os classificados para a recém-criada Taça Libertadores da América (1960).

Disputada até 1968, a Taça Brasil contou com 10 edições, sendo sete delas conquistadas pelos paulistas Santos (5) e Palmeiras (2) e uma pelo representante do então Estado da Guanabara¹⁶ - o Botafogo de Garrincha. Apenas dois dos vencedores não vieram das duas metrópoles nacionais. Em 1966, o Cruzeiro (MG) de Dirceu Lopes e Tostão desbancou o Santos de Pelé, então pentacampeão (de forma consecutiva) da competição. Fora do Centro-Sul, apenas uma equipe saiu vencedora. O “Esquadrão de Aço” do Bahia de 1959 venceu a primeira edição do certame, ao destronar o timão capitaneado pelo Rei do Futebol em três jogos¹⁷

¹³ Foi no Estado Novo que se deu a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), em 1940 com objetivo de implementar uma política de centralização do controle administrativo dos esportes no Brasil. Sobre essa questão ver DRUMMOND, Maurício. Estado novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Rio de Janeiro.: Sete Letras, 2014.

¹⁴ O Torneio Rio-São Paulo teve sua primeira edição no ano de 1933. Após anos de incertezas sobre sua realização e edições incompletas, retornou no ano de 1950.

¹⁵ O tradicional “mata-mata”.

¹⁶ Após a criação de Brasília (1960), a cidade do Rio de Janeiro, até então a capital federal, passou a ser um estado separado do restante do estado fluminense, que teve como capital a cidade de Niterói. Até que em 1975, com a reunificação, os cariocas voltaram a integrar o Estado do Rio de Janeiro, sendo também sua capital.

¹⁷ À época, era comum a disputa de um jogo de desempate, caso nos duelos de ida-e-volta cada equipe vencesse uma das partidas. Após surpreender o Santos em São Paulo e perder o segundo jogo dentro de seus domínios, os baianos desbancaram os paulistas no Maracanã e ficaram com a taça.

Em meio à ditadura militar brasileira, o regime também precisava de um instrumento populista de controle das massas para chamar de seu. Por meio deste, foi criado o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que deu lugar à Taça Brasil e ocorreu entre os anos de 1967 e 1970 - no auge da repressão e em meio aos “Anos de Chumbo”. Dominada pelos times de Rio de Janeiro e São Paulo, o “Robertão”, como ficou conhecido, não incluía equipes nordestinas. Quando o fez, apenas uma equipe cada da Bahia e de Pernambuco foram convidadas.

Através da manipulação do sentimento patriótico que emanava após a conquista do tricampeonato mundial de futebol, na Copa do Mundo de 1970, no México, já era o momento de finalmente ser criado um Campeonato Brasileiro. No entanto, pode se observar o uso político do certame com o propósito da objetivada integração nacional: desde sua primeira edição, em 1971, até 1979 (ano que marca o início da distensão política no país, com a Lei da Anistia), o torneio teve um salto de 20 para incríveis 94 clubes (MASCARENHAS, 2014).

O surgimento da CBF, seu uso político e antecedentes históricos

Além de uma década determinante para o surgimento do campeonato a nível nacional, os anos de 1970 foram marcados pelo uso desenfreado de artimanhas políticas em detrimento do nível esportivo e do espetáculo. A já citada edição de 1979 do certame entre clubes brasileiros, além do inchaço no número de componentes, foi, também, a de recordes negativos de público e faturamento. (MASCARENHAS, 2014).

A década seguinte, marcada por crises e problemas orçamentários na organização levaram a edições esvaziadas ano após ano. Tal realidade recheada de complicações suscita a lembrança dos primórdios do desporto (des)organizado no Brasil. As primeiras décadas do século XX marcaram não só o ponto de partida dos esportes, sobretudo o futebol, bem como as primeiras crises existentes, em especial no tocante à rivalidade entre paulistas e cariocas.

Desde o primeiro momento que teve lugar no cenário brasileiro, “a expressão esportiva tornou-se um campo propício para as elites se lançarem à construção simbólica de seus valores civilizatórios” (SARMENTO, 2006, p.1). É nesse íterim que surgem, por exemplo, os Jogos Olímpicos da Era Moderna (1896), idealizados por Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin - o primeiro presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Com maior ênfase no campo futebolístico, os esportes modernos foram trazidos por imigrantes, e não demorou até serem disseminados entre as elites do país. “Desde o início estava claro que as elites nacionais buscavam no futebol um espelho no qual pudessem enxergar seu reflexo à luz dos valores da sociedade européia” (SARMENTO, 2006, p.2). E foi desde o seu

nascidouro em terras brasileiras que o futebol deu lugar à disputa pela hegemonia nacional pelos dois principais centros do país.

Após anos de litígio e uma profusão de órgãos que visavam o controle do futebol brasileiro, somente em 1916 que se pôde unificar a direção do esporte no país por meio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Sem um consenso sobre qual seria o órgão máximo do esporte no país, foi necessário que, às vésperas da realização do primeiro campeonato sul-americano de seleções (1916), o então ministro das relações exteriores Lauro Müller intercedesse no caso, assim resolvendo o litígio.

Em paralelo, se fora de campo a briga era por quem dominava a dirigência esportiva, do lado de dentro da cancha a disputa era por quem representaria as cores brasileiras. Muitas vezes sem chegar a um comum acordo, paulistas e cariocas muitas vezes eram causa de conflitos internos na Seleção Brasileira. Não à toa, na Copa do Mundo de 1930, no Uruguai, o selecionado nacional foi composto apenas por jogadores atuando por clubes do então Distrito Federal - os paulistas se recusaram a participar.

As décadas de 1920 e 1930, do ponto de vista institucional, foram marcadas pelas disputas políticas: internamente, entre a classe dirigente das ligas de São Paulo e Rio de Janeiro, mas também externamente, com uma frágil relação entre a CBD e a Confederação Sul-Americana e dos demais países vizinhos, sobretudo Uruguai e Argentina. Além disso, o Brasil tentava se estabelecer internacionalmente ante à Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Os anos seguintes marcaram o declínio cada vez mais vertiginoso da CBD, com a criação de entidades concorrentes como a Federação Brasileira de Futebol, defensora da profissionalização do futebol, tendência essa que já tinha sido adotada por nossos vizinhos platinos e reconhecida pelo órgão máximo do futebol, a FIFA. Enquanto isso, a confederação seguia sendo uma ferrenha defensora do caráter amador no esporte, muito embora a profissionalização já abarcasse a maioria dos grandes clubes, obtendo também melhores índices de faturamento¹⁸.

Ficava claro, a partir dali a vontade, por parte do governo varguista, de controlar cada vez mais de perto a atividade esportiva no país. Com a nova roupagem na figura do esporte profissional - o que ia de encontro à agenda trabalhista defendida ferrenhamente pelo governo Vargas - o período marcou uma série de quebras de paradigmas. Se fazia necessário tornar o

¹⁸ A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) foi criada em 1916, mas levou tempo para que esse órgão fosse reconhecido como a entidade que representava o esporte nacional. A intervenção do Estado, na figura de Luís Aranha, foi fundamental para a transformação da CBD em uma instituição cujo objetivo principal seria o de centralizar a administração esportiva do país. Como afirmou Carlos Eduardo Sarmento, a presença de Luís Aranha “viabilizaria as ações governativas que iriam redesenhar a gestão do esporte nacional” (2006, p.62). Em relação ao futebol, a CBD, em 1937, firmou acordo com a FBF (Federação Brasileira de Futebol) que na época havia sido reformulada para abrigar os times profissionais do país. A CBD, que desde sua criação era totalmente contrária ao regime profissional, reconheceu a necessidade de instaurá-lo no país e, assim, deu um grande passo rumo ao fim dos conflitos que marcavam o futebol nacional.

esporte mais popular do país profissional, já que até então a atividade era amadora, sem permitir vínculo empregatício e o pagamento de salário, o que o tornava elitista, se limitando a poucos clubes ligados à aristocracia carioca e paulistana (MAGALHÃES, 2010).

Além da cisão no futebol, carro-chefe da organização até então, as demais entidades esportivas, entre elas a comunidade olímpica, se organizaram na criação de um novo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), numa tentativa de suplantar o COB dirigido desde 1914 pela CBD. Os anos de instabilidade institucional só foram superados a partir da implementação do Estado Novo, a fase ditatorial do governo Getúlio Vargas. A partir de então, foi firmado o Conselho Nacional de Desportos (CND), como entidade máxima competente do esporte brasileiro. A partir de então, a CBD passou a ter menos atribuições e a gestão foi otimizada.

Apesar disso, as melhorias tiveram um prazo de validade. Ao final dos anos 1970 e três títulos mundiais a mais na conta, a CBD dava finalmente lugar à atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Apesar do sucesso da seleção em Copas do Mundo, o Brasil vivia uma dura realidade futebolística, com os grandes clubes endividados, um campeonato inchado e pouco atrativo ao público e os principais astros brasileiros passaram a figurar nas grandes ligas europeias¹⁹.

A gestão de Giulite Coutinho à frente da entidade (1980-1986) marcou grandes avanços: de planos de *marketing* a reorganização do vultoso calendário, sua presidência firmou o Campeonato Brasileiro com mais divisões - o que se por um lado tornou o produto mais rentável, acabou por acentuar ainda mais as desigualdades entre os clubes dos grandes centros urbanos do restante do país. No final da década, com a ascensão do Clube dos 13²⁰, em virtude dos litígios entre a Confederação e os clubes quanto a realização do Campeonato Brasileiro de 1987²¹, ficou mais clara ainda a metropolização do futebol brasileiro (MASCARENHAS, 2014)²².

De que Brasil vem a Seleção Brasileira?

Entre os meses de novembro e dezembro do último ano de 2022, o Brasil buscou o tão sonhado hexacampeonato na Copa do Mundo, realizada no Catar. Do fundo do banco da seleção

¹⁹ Na mesma época, diversos craques brasileiros integraram sobretudo a Liga Italiana: Zico foi para a Udinese, Júnior para o Torino, Sócrates para a Fiorentina, Falcão e Toninho Cerezo para a Roma.

²⁰ À época, os clubes de maior torcida do país, eram eles: Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Internacional, Palmeiras, Santos, São Paulo e Vasco.

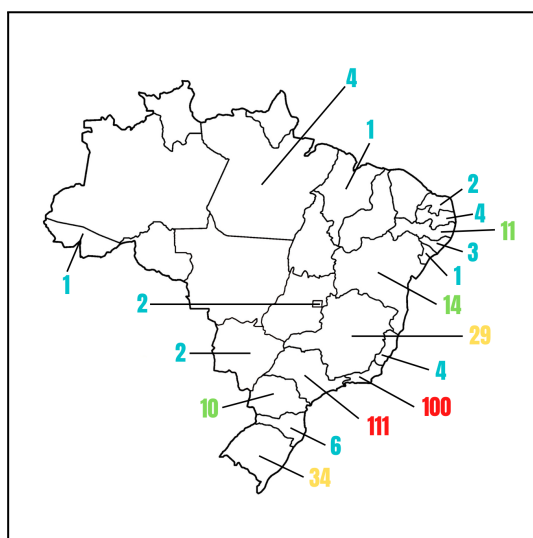
²¹ Diante da inviabilidade econômica por parte da CBF de realizar o campeonato, foi realizada a Copa União, tocada pelo Clube dos 13. O Torneio virou tema de uma longa batalha judicial, já que à revelia dos clubes que organizaram a competição, a CBF estabeleceu - com o certame já em curso - que deveria haver um quadrangular entre campeões e vice-campeões da primeira e segunda divisão - essa, sim, administrada pela CBF. Flamengo e Internacional, campeão e vice-campeão da Copa União (módulo verde), não cederam às pressões da CBF e se recusaram a enfrentar Sport e Guarani, vencedores do módulo amarelo. O caso foi parar no Supremo Tribunal Federal (STF), que em 2018 deu ganho de causa ao Sport Clube Recife, vencedor da segunda divisão, reconhecendo-o como legítimo campeão brasileiro de 1987.

²² Conceito usado pelo, então, Professor Associado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UERJ) e autor do livro “Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol”, Gilmar Mascarenhas. Infelizmente, Gilmar faleceu precocemente, em 2019.

brasileira masculina, um jogador que dificilmente entraria em campo ao longo da competição chegou a uma marca histórica: ele foi o primeiro jogador nascido no estado do Acre a representar o país em mundiais. Weverton, de 34 anos, é goleiro do Palmeiras, campeão do Campeonato Brasileiro de 2022 com o clube da capital paulista e que compôs o grupo de 26 atletas selecionados pelo técnico Tite para a disputa do torneio no país do Oriente Médio.

Se cumpriram as expectativas de que o arqueiro palestrino fosse a terceira opção para o gol brasileiro, tendo sido preterido pelos estrelados Alisson e Ederson, goleiros de Liverpool e Manchester City, respectivamente. O atleta foi escalado apenas por alguns minutos durante o confronto entre a equipe brasileira e a seleção da Coreia do Sul. Weverton substituiu o titular Alisson já aos 35 minutos da segunda etapa, quando o selecionado nacional já vencia o duelo por 4 a 1. E mesmo sem figurar entre os jogadores mais badalados do grupo que representou o Brasil em terras cataris, o goleiro nascido na capital acreana escancara um quadro grave: a baixa quantidade de jogadores de fora dos grandes centros urbanos convocados para representar nosso país em mundiais.

São poucos os eventos que conseguem aflorar o sentimento nacionalista como uma Copa do Mundo. A competição, que ocorre a cada quatro anos, é capaz de grudar a nação junto à televisão ou ao rádio na expectativa de uma vitória de sua seleção. Um laço de pertencimento é criado e, sobretudo, no caso brasileiro, por mais distante que esteja, o torcedor passa a se sentir parte de tudo aquilo. É nas Copas do Mundo que se evidencia a potencialidade de o futebol atuar como um "catalisador de brasilidade" (GUEDES, 2009, p. 43).



Dos 339 brasileiros convocados em mundiais, 211 vieram do Rio ou de São Paulo. Fonte: Júlio César Barcellos.

Esse ideal de um selecionado nacional que represente a todos de nosso país, contudo, não passa de uma mera ilusão²³. Apesar da Copa ser assistida do Oiapoque ao Chui²⁴, nem todos os brasileiros são realmente representados pela lista final de jogadores convocados. Esse fenômeno se evidencia no mapa que nos mostra como, ao longo das copas, o histórico dos jogadores nacionais selecionados está ligado às questões geográficas em nosso país.

Falar sobre essa história, para muitos desconhecida, da seleção brasileira, é falar sobre a história de um preconceito socioespacial que tem efeitos até os dias de hoje. Dos mais de 300 jogadores escolhidos para defender o Brasil em Copas do Mundo, mais da metade se concentra nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, com 100 e 111 selecionados, respectivamente. Enquanto isso, sete estados do país não têm um representante sequer na história dos mundiais.

Se restringirmos o recorte à questão clubística, isto é, quais clubes os jogadores defendiam quando representaram a Seleção Brasileira em Copas do Mundo, o dado é ainda mais alarmante: desde 1930, 25 equipes brasileiras enviaram jogadores aos mundiais, sendo destas 17 do Rio de Janeiro ou de São Paulo. As demais equipes se dividem entre os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná²⁵. As oito equipes que mais cederam jogadores à Seleção são justamente os “Quatro Grandes” dos dois estados mais ricos do país²⁶ (FERRARI e SAPIO, 2022).

Entre os convocados por equipes estrangeiras, o Real Madrid, da Espanha, lidera com 14 convocados. Além da Espanha, outros 15 países já tiveram representantes em Copas do Mundo, mesmo entre aqueles sem nenhuma tradição futebolística, como México, China, Canadá e Grécia, por exemplo.

A falácia geralmente utilizada para legitimar a não convocação de jogadores atuando por clubes de fora dos grandes centros é exposta, afinal, os campeonatos aqui realizados em nada devem aos de segunda ou terceira prateleiras mundo afora. O argumento de que o futebol nordestino e nortista é de um menor nível técnico cai por terra, ao observarmos que ligas menos competitivas no âmbito global conseguem emplacar nomes em uma grande seleção, como é o caso brasileiro.

Fora do Brasil, sem a visão permeada pela xenofobia que nos cerca, as coisas ocorrem por vezes de forma diferente. Cearense de Quixeramobim, o meia-atacante Iarley marcou época com a camisa do Boca Juniors, da Argentina. O jogador se destacou com a camisa do Paysandu,

²³ A ideia de uma seleção que represente todos os brasileiros é uma concepção socialmente construída, de forma a gerar um senso de pertencimento entre os indivíduos. (ANDERSON, 1991)

²⁴ Segundo apontamentos da Kantar Ibope Media, durante o duelo entre Brasil e Croácia, a TV Globo registrou uma audiência de 49,7 pontos - o que representa um aumento de 400% na média da faixa de 12h na comparação com as quatro sextas-feiras anteriores à estreia da Copa do Catar (TERRA, 2022).

²⁵ Conta com um único representante, o meio-campista Kléberson, então jogador do Atlético Paranaense, foi pentacampeão do Mundo com a “Família Scolari” em 2002.

²⁶ Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense pelo Rio; São Paulo, Santos, Corinthians e Palmeiras por São Paulo.

inclusive batendo “*los xeneizes*”²⁷ dentro de seus domínios em um mata-mata de Libertadores²⁸. Mesmo com a eliminação do time nortista na partida de volta em Belém, o atleta foi um pedido pessoal do técnico Carlos Bianchi - o Mr. Libertadores, quatro vezes vencedor da competição - para a diretoria do clube portenho na temporada seguinte.

Ao chegar no clube da capital argentina, Iarley teve a incumbência de vestir a camisa 10, outrora de nomes da envergadura de Diego Armando Maradona e Juan Román Riquelme. Homem de confiança de um dos maiores treinadores da história do clube argentino, o cearense que também teve passagem pelo Real Madrid-ESP chegou a ser campeão do mundo com a camisa do clube do bairro de La Boca, desbancando o poderoso Milan do treinador Carlo Ancelotti²⁹. Mesmo com distinta carreira internacional, ele nunca recebeu chances na Seleção Brasileira (BIANCHINI e DE LAURENTIIS, 2020).

O desafio não se limita a chegar a vestir a tão desejada camisa da Seleção. Muitos, como o próprio Weverton, acompanham a campanha do selecionado nacional do fundo do banco. Chegar a jogar é um desafio, por outro lado, se manter entre os titulares, é um desafio ainda maior. É o que afirma Giovanni, meio-campista que defendeu a seleção brasileira na Copa de 1998, na França.

O ex-jogador do Santos e do Barcelona disse em entrevista ao programa “Bola da Vez”, da ESPN, em 2018, que: “Na seleção, eu tinha que matar um leão, tem alguns jogadores que você dá dez chances”. Oriundo de Belém, capital do estado do Pará, o meia acredita que foi prejudicado devido à falta de suporte por parte da mídia após ser barrado do time titular devido a uma substituição ainda no intervalo da estreia da Seleção naquele Mundial.

Após um primeiro tempo sem brilho contra a seleção da Escócia, ele foi substituído pelo carioca Leonardo, que não foi mais tirado da equipe até o fim da competição. Pior para o Brasil, que foi derrotado na final da competição pelos anfitriões franceses. “Você barra um Giovanni, ninguém vai falar nada”, declarou (ESPN, 2018). O esquecimento e a falta do devido crédito são marcas notórias quando falamos de jogadores de fora do eixo Rio-São Paulo.

Mesmo entre aqueles que ficaram de fora da lista final para o Mundial anunciada pelo técnico Tite, o tratamento dado é completamente distinto. Todo um clamor popular, seja na imprensa ou não, foi criado após a não convocação do centroavante Gabriel Barbosa. Apesar das

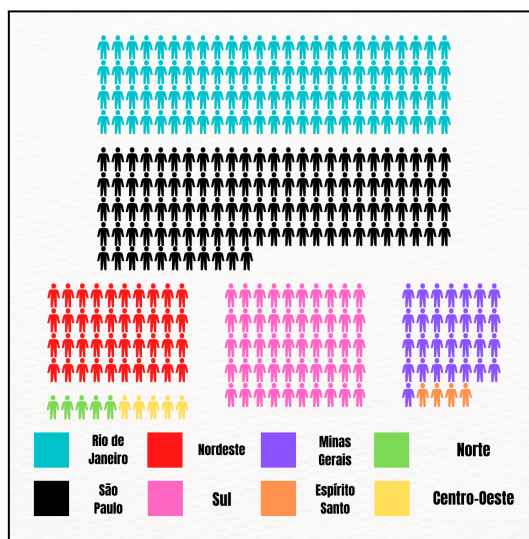
²⁷ Apelido histórico da torcida do Boca Juniors, tem sua origem nas ligações do bairro de La Boca com a comunidade italiana que lá habitava no início do século XX (GOAL.COM MÉXICO, 2018).

²⁸ Feito repetido apenas mais duas vezes, sendo uma delas pelo Santos de Pelé, em 1963. A outra, só voltou a ocorrer em 2020, com o Internacional. O Corinthians até eliminou o Boca Juniors jogando em La Bombonera, mas somente nos pênaltis, após empate sem gols no tempo normal (ESPN, 2022).

²⁹ Os italianos contavam com um verdadeiro esquadrão, com nomes como Dida, Cafu, Kaká, Shevchenko, Pirlo, Gattuso, Rui Costa, Maldini e Inzaghi.

expressivas marcas conquistadas pelo camisa dez do Flamengo - entre gols, títulos e artilharias - sua ausência entre os chamados para a Copa do Catar foi a mais comentada.

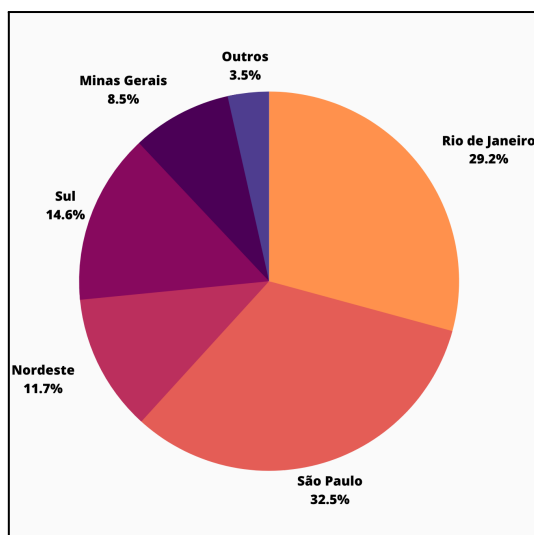
No entanto, pouco se viu nas mesas de bar, programas esportivos e até mesmo nas redes sociais, o mesmo tratamento quando falamos de atletas de outras regiões do país. O alagoano Firmino, um dos nomes mais frequentes nas convocações ao longo do ciclo, e também um dos mais utilizados, foi o que ainda recebeu algum destaque. O meia paraense Paulo Henrique Ganso e os paraibanos Matheus Cunha e Hulk foram raramente mencionados quando o tema foi abordado.



O recorte por região escancara: jogadores das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste recebem menos chances na Seleção Brasileira em Copas do Mundo do que jogadores do Centro-Sul. Fonte: Júlio César Barcellos

E não dá para dizer que a tradição em nível nacional com menor grau de distinção seja uma desculpa plausível para a não convocação de um atleta, afinal a principal motivação para sua convocação deve ser o seu desempenho individual, a despeito de onde o atleta atua ou de sua origem. A atualidade e mesmo a história provam o contrário. O capixaba Richarlison, camisa nove da equipe brasileira na Copa do Catar, é um bom exemplo. Ele só conquistou projeção com as camisas do América Mineiro e do Fluminense, equipes de estados mais “tradicionais” no âmbito do futebol nacional, antes de ser vendido para um clube de fora do país e, então, dar prosseguimento a sua carreira na Europa.

Um dos maiores na história da amarelinha também veio de um estado sem muito prestígio no âmbito futebolístico do país. Foi da cidade alagoana de Atalaia, de menos de 50 mil habitantes, que saiu o multicampeão Zagallo. É muito difícil imaginar que o bicampeão como jogador (1958 e 62), campeão como técnico (1970) e ainda como coordenador técnico (1994) - o maior vencedor da história da Copa do Mundo da FIFA - teria a mesma carreira defendendo clubes alagoanos ao invés dos cariocas Flamengo e Botafogo, por exemplo.



3 a cada 5 brasileiros em Mundiais são originários de Rio de Janeiro e São Paulo. Fonte: Júlio César Barcellos

Falar sobre essa história das convocações é falar sobre orgulho, preconceito e, principalmente, de apagamentos que, propositais ou não, mudam o rumo de carreiras, competições e, diretamente, da história do Brasil em Copas do Mundo. É difícil imaginar as cinco estrelas na camisa canarinho sem a participação de jogadores das mais diferentes partes de nosso país.

Por sinal, já é mais que chegada a hora de vermos mais jogadores como Weverton e Richarlison - e também Firmino e Matheus Cunha - defendendo as cores de nossa seleção em Mundiais. Afinal, “A taça do mundo é nossa”, não de um grupo seletivo de brasileiros limitados aos estados mais ricos e poderosos do país, mas sim, de todo o povo brasileiro, de Norte a Sul do “país do futebol”.

Conclusões provisórias

A narrativa histórica da Seleção Brasileira é contada pelo viés dos grandes centros urbanos brasileiros. Desde o seu nascedouro, Rio de Janeiro e São Paulo atuam como centros decisórios e administrativos do desporto nacional. Por anos, as duas metrópoles brasileiras monopolizaram o futebol em nosso país, alternando campeões nacionais e jogadores cedidos ao selecionado nacional.

O mito criado em torno de um ideal agregador da Nação na figura de uma equipe esportiva "de todos os brasileiros" esconde a dura realidade para aqueles que vem de fora do eixo Rio-São Paulo. Em virtude do local de nascimento de um atleta ou mesmo o clube no qual ele atua, muitos jogadores acabam preteridos em detrimento de outros naturais ou atuantes em outras praças ditas mais tradicionais.

Na realidade, contudo, essa pretensa tradição dos clubes oriundos das grandes metrópoles do Centro-Sul mascaram o preconceito socioespacial e a xenofobia, práticas inerentes ao futebol no país antes mesmo que esse se tornasse a grande paixão nacional. Somam-se a isso os esforços governamentais para o desenvolvimento desigual do esporte, priorizando as maiores cidades e completaremos a equação que descreve o que se convencionou chamar de um futebol "brasileiro".

Por muito tempo essa visão foi naturalizada, carecendo de análise de suas causas e efeitos para o estabelecimento do futebol em nosso país. Os dados aqui expostos servem não somente para fins estatísticos, pois já há muito se fazem necessárias reformas profundas na forma como se pensa e se realiza o esporte em terras brasileiras. Isto posto, significa que por meio deste estudo se pretende evidenciar as desigualdades que nos circundam, bem como alertar para a necessidade de um futebol, por parte da CBF e demais instituições, que faça jus a um escopo mais plural e inclusivo.

A riqueza cultural do país advém justamente da multiplicidade propiciada por esta terra de dimensões continentais. Deve se prezar, portanto, por um futebol que congregue todo o valor da cultura heterogênea que nos circunda. Não podemos e não devemos ceder às tentações de se homogeneizar a narrativa histórica de nosso futebol numa história única (ADICHIE, 2018) centrada apenas em um punhado de estados privilegiados pela origem aristocrática do esporte em nosso país.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda N. **O Perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BIANCHINI, Vladimir e DE LAURENTIIS, Francisco. Iarley revela por que recebeu lendária 10 de Maradona no Boca e lembra pressão: 'Brasileiro, se vira'. Futebol. **ESPN**, 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/historias-da-bola/artigo/_id/7872843/boca-juniors-iarley-revela-por-que-recebeu-lendaria-camisa-10-de-maradona-e-riquelme-e-lembra-pressao-do-proprio-elenco-brasileiro-se-vira-e-resolve-o-jogo>. Acesso em: 01/03/2023.
- CORINTHIANS encara Boca para fazer o que só três brasileiros conseguiram e entrar em 'clube' de apenas seis rivais. Futebol. **ESPN**, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/10594175/corinthians-encara-boca-para-fazer-o-que-so-tres-brasileiros-conseguiram-e-entrar-em-clube-de-apenas-seis-rivais>. Acesso em: 01/03/2023.
- DRUMMOND, Maurício. **Estado novo e esporte: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945)**. Rio de Janeiro.: Sete Letras, 2014.
- FERNANDES, Hevilla Wanderley. Misto e anti-misto: um sintoma das desigualdades regionais no torcer do Nordeste. **Ludopédio**, São Paulo, v. 142, n. 41, 2021.
- FERRARI, Murillo e SAPIO, Marcello. Flamengo tem dois convocados, mas Botafogo ainda é o time brasileiro que mais cedeu jogadores para Copas; veja ranking. **CNN Brasil**, São Paulo, 17 nov. 2022. Esporte. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/botafogo-e-o-time-que-mais-cedeu-jogadores-brasileiros-para-cop>>

[as-veja-ranking/#:~:text=Com%20a%20lista%20atualizada%2C%20os,%2C%20Flamengo%20e%20Fluminense%2C%20respectivamente.>](#). Acesso em: 01/03/2023.

FORTES, Rafael e MALAIA, João Manuel. 'Brasil-grande, estádios gigantescos': toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Dossiê Lugares de memória e de consciência na América Latina**. Tempo: Niterói, Vol. 27 n. 1, Jan./Abr. 2021.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

GIOVANNI, ídolo do Santos, crê que sofreu preconceito na Copa de 1998 e quase abandonou seleção no meio do torneio. Futebol. **ESPN**, 20 mar. 2018. Disponível em:

https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/4105282/giovanni-idolo-do-santos-cre-que-sofreu-preconceito-na-copa-de-1998-e-quase-abandonou-selecao-no-meio-do-torneio>. Acesso em: 01/03/2023.

GLOBO alcança os maiores picos no Ibope em dez anos com a Copa. **Terra**, 18 dez. 2022. Disponível em:

https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2022/globo-alcanca-os-maiores-picos-no-ibope-em-dez-anos-com-a-copa_d79e299c0b3e33ef2f7dbc3d0ddae1a28hdsqvmx.html>. Acesso em: 01/03/2023.

GUEDES, Simoni Lahud. **Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil**. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Orgs.) *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CPDOC/FGV. Rádio Nacional. In: **Atlas Histórico do Brasil**. 2016. Disponível em:

<https://atlas.fgv.br/verbete/6340>>. Acesso em: 24/02/2023.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo George; MOSTARO, Filipe. **Foot-ball Mulato e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938**. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar. Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. **Mundo e Lugar: a introdução do futebol no Brasil urbano**. Experimental, São Paulo, Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, n. 6, p. 95-110, março de 1999.

MOURA, Emerson Affonso da Costa. **Burocracia brasileira, reforma administrativa e Estado Novo: o papel do aparato administrativo no Governo Vargas**. *Revista Estudos Institucionais*, v. 2, p. 367, 2016.

PESQUISA DE CAMPO. **Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj**, Ed. Uerj, 1995, n. 1-2; 1996, n. 3-4; 1997, n. 5.

¿POR qué a Boca le dicen “Xeneizes”? **Goal.com México**, 09 dez. 2018. Disponível em: <https://www.goal.com/es-mx/noticias/por-que-a-boca-le-dicen-xeneizes/tmhhrang7fb1cn9n63q50na7>>.

Acesso em: 03/03/2023.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas: obra póstuma**. 18.ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. A crítica e o pessimismo de Graciliano Ramos sobre o futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 158, n. 9, 2022.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.